

A REPRESENTATIVIDADE FEMININA BRASILEIRA NA ARQUITETURA E URBANISMO DO SÉCULO XXI

LAUFER, Carolina de Gois¹
OLDONI, Sirlei Maria²

RESUMO

Esta pesquisa faz parte do Trabalho de Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz. Ela discute a igualdade de gênero, focada, especificamente, na representatividade feminina brasileira na Arquitetura e Urbanismo do século XXI. O objetivo foi identificar a atuação feminina em cargos protagonistas do campo arquitetônico e urbanístico, buscando entender como o percurso profissional feminino tem se destacado nos últimos anos. Dessa forma, foi proposto o seguinte questionamento: como se mostra a representatividade feminina na arquitetura e no urbanismo brasileiro, com o aumento do número de mulheres atuando na área no século XXI? A hipótese é de que ainda falta representatividade de mulheres em espaços de protagonismo da profissão. A base para esta pesquisa se fundamentou em estudo bibliográfico acerca do tema, assim como na análise de publicações em revistas de arquitetura para quantificar a produção arquitetônica feminina e, ainda, nos cargos ocupados por mulheres no ramo profissional da arquitetura e do urbanismo. Também foi realizada a quantificação de prêmios recebidos por mulheres em prestigiadas premiações brasileiras de Arquitetura e Urbanismo.

PALAVRAS-CHAVE: Representatividade, Feminismo, Arquitetura, Urbanismo.

REPRESENTATION OF WOMEN IN THE BRAZILIAN ARCHITECTURE AND URBANISM OF THE 21st CENTURY

ABSTRACT

This research is part of the Architecture and Urbanism Course Work at the University Center of the Assis Gurgacz Foundation. She discusses gender equality, focusing specifically on representation of women in the Brazilian architecture and urbanism, of the 21st century. The objective is to identify women's participation in leading roles in the architectural and urban field, seeking to understand how women's careers have stood out in recent years. Thus, the following question was proposed: How women are represented in architecture and urbanism, with the increase in the number of women working in the area in the 21st century? the hypothesis is that there is still a lack of representation of women in spaces of protagonism in the profession. The basis for this research is based on a bibliographic study on the subject, as well as the analysis of publications in architectural magazines to quantify the women's architectural production and, also, to obtain data on positions held by women in the professional branch of architecture and urbanism. Also, a quantification of awards received by women in prestigious Brazilian awards for Architecture and Urbanism is carried out.

KEYWORDS: Representation, Feminism, Architecture, Urbanism.

1 INTRODUÇÃO

A arquitetura é um campo abrangente, ligado à arte, técnica e envolto por questões sociais. Já a discussão de gênero está presente em todas as estruturas sociais, sendo então, inclusa na arquitetura (FONTES, 2016, p. 25). Por isso, este estudo procura contribuir com a produção acadêmica na área da Arquitetura e Urbanismo, buscando trazer reconhecimento para discussão de gênero e a invisibilidade feminina. Pretende-se motivar profissionais da área a refletirem sobre as diferentes

¹ Graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário Assis Gurgacz, Cascavel/PR. E-mail: carol_laufer@hotmail.com

² Professora orientadora, docente do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Assis Gurgacz, Cascavel/PR. Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela UEM. E-mail: sirleoldoni@hotmail.com

realidades que existem no campo, na diversidade de indivíduos que compõem o universo da arquitetura e do urbanismo e como cada um desses é capaz de produzir uma arquitetura de qualidade independente do seu gênero, sendo merecedores de reconhecimento por conceberem e construírem um novo mundo, de maneira igualitária. Desse modo, partindo da constatação de que, atualmente, o mercado de trabalho na área da arquitetura e de urbanismo é predominantemente feminino³ (SICCAU, 2019), esta pesquisa possui o seguinte questionamento: como se mostra a representatividade feminina na arquitetura e no urbanismo brasileiro, com o aumento do número de mulheres atuando na área no século XXI?

Inicialmente, a hipótese é de que, apesar da atuação no campo arquitetônico ser majoritariamente feminina, ainda há a falta de representatividade de mulheres em espaços de protagonismo da profissão. Nessa direção, este estudo propõe uma discussão que tem como objetivo geral verificar se a presença feminina em espaços de protagonismo no ramo da arquitetura e do urbanismo brasileiro é proporcional ao aumento do número de mulheres atuando na área. Atrelados a esse objetivo mais amplo estão os seguintes objetivos específicos: (a) apresentar as mulheres no mercado de trabalho; (b) historicizar a inserção das mulheres na história da arquitetura e do urbanismo brasileiro; (c) quantificar a publicação de obras feitas por mulheres em revistas (d) associar os arquitetos brasileiros e a ocupação de cargos de destaque nos últimos 20 anos; (e) definir quais são os principais prêmios de arquitetura no Brasil e a participação feminina neles no século XXI; (f) cotejar os dados apresentados em resposta ao problema da pesquisa.

Como marco teórico norteador da pesquisa utiliza-se a categórica afirmação de Elzbieta Hibner (1992, p. 148): “Quanto mais perto do topo você chega, menos mulheres você encontra”.

Desse modo, o artigo estrutura-se da seguinte forma: na metodologia é explanada diretrizes utilizadas para guiar a pesquisa; no referencial teórico é contextualizado a atuação da mulher no mercado de trabalho de forma geral e mais especificamente na arquitetura; na análise e discussões dos resultados são apresentados todos os dados coletados, organizados através de quadros e gráficos. Por fim, nas considerações finais é respondido o questionamento principal desta pesquisa.

³ De acordo com a pesquisa apresentada pelo Sistema de Informação e Comunicação do CAU (SICCAU, 2019) em março de 2019, atualmente, 63,10% dos arquitetos e urbanistas ativos e registrados no Brasil são mulheres, enquanto 36,90% são homens. O total de profissionais brasileiros é 167.060, sendo 105.420 mulheres e 61.640 homens.

2 METODOLOGIA

A pesquisa é sustentada por meio de pesquisa bibliográfica, pois, a partir dela, como indica Manzo (1971), podem-se resolver problemas já conhecidos ou explorar novas áreas nas quais os problemas não são precisos. Gil (2002) ressalta que a pesquisa bibliográfica permite ao investigador cobrir uma gama de fenômenos muito mais ampla sobre o objeto de estudo.

Ainda, o estudo apresenta caráter exploratório e, de acordo com Marconi e Lakatos (2003), tem como escopo obter descrições tanto qualitativas⁴ quanto quantitativas⁵ do objeto de estudo.

Na ótica de Gil (2002), as pesquisas de caráter exploratório podem ser desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas e, no caso desta pesquisa, explana-se no referencial teórico um panorama geral da mulher no mercado de trabalho e especificamente na arquitetura, além disso, apresenta-se revistas, entidades e premiações de arquitetura que serão a base para a análise. Gil acrescenta que a análise de revistas se caracteriza como uma das mais importantes fontes bibliográficas, pois tendem a ser mais profundas e bem elaboradas.

De acordo Silvestre (2007, p.11), após a coleta e organização de todas as informações necessárias, realiza-se análise descritiva, visto que os dados coletados estão delimitados dentro de um parâmetro, no caso, o século XXI. Para confrontar os dados, é utilizada a escala razão, a qual, de acordo com Mattar (1999), facilita a comparação entre variáveis para compreender a distância dos os objetos de estudo entre si.

Portanto, para compreender como a mulher tem se destacado no campo arquitetônico nos últimos anos, elabora-se a análise dos três objetos de estudo (revistas, entidades e premiações de arquitetura) para quantificar a produção feminina neles contidos.

1. Revistas: as duas maiores revistas de Arquitetura e Urbanismo em circulação no momento desta pesquisa, a revista Projeto Design e a AU – Arquitetura e Urbanismo.
2. Entidades: cinco entidades que regulamentam a profissão, sendo elas, o Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), a Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e Urbanismo (ABEA), a Federação Nacional dos Arquitetos e Urbanistas (FNA) e, por fim, o Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU).

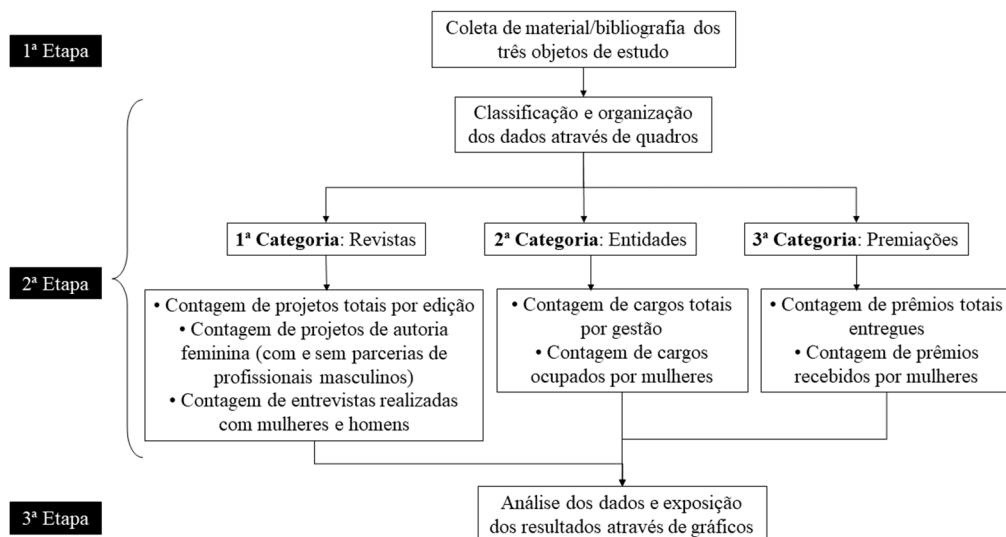
⁴ De acordo com Neves (1996), o estudo qualitativo é feito por meio da interpretação de fenômenos de acordo a situação ou o ponto de vista do objeto de estudo. A pesquisa é direcionada ao longo de seu desenvolvimento, sem o uso de instrumentos estatísticos para analisar os seus dados.

⁵ Para Neves (1996), a pesquisa quantitativa se baseia em hipóteses nitidamente apontadas para definir um plano que será seguido com rigor. O estudo faz o uso de estatísticas, medidas e números para análise de dados.

3. Premiações: as quatro premiações mais prestigiadas do campo arquitetônico brasileiro, a premiação IABRJ e o Prêmio Arquiteto do Amanhã, o Colar de Ouro do IAB, a Premiação IABSP e finalizando, o prêmio Arquiteto e Urbanista do Ano da FNA.

Para compreender a metodologia utilizada na análise e discussão dos resultados e facilitar o entendimento do modo em que os objetos de estudo foram analisados, tem-se o fluxograma a seguir, que mostra de maneira sintética as etapas da pesquisa:

Fluxograma 1 – etapas da metodologia utilizada na análise e discussão dos resultados



Fonte: elaboração própria.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Explana-se um panorama geral da mulher no mercado de trabalho e especificamente na arquitetura, além disso, apresenta-se revistas, entidades e premiações de arquitetura

3.1 A ATUAÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO

Nas sociedades antigas, a divisão do trabalho era realizada de acordo com o sexo: o homem era designado para o trabalho de caçador e a mulher ficava responsável pelo âmbito familiar (PRATAS, 2011, p. 162). Saffioti (1987, p. 47-60) diz que o patriarcado – sistema de dominação masculina sob a mulher – estabeleceu-se no mundo há cerca de seis milênios, fazendo do patriarcado o sistema mais antigo dominação-exploração.

Perrot (1995, p. 15-17) relata que a situação da mulher obteve certa mudança somente com o aparecimento dos estudos antropológicos e sociológicos, que estavam interessados em relatar a história das mulheres. Outro fator de modificação foi o surgimento dos movimentos das mulheres iniciados na França a partir dos anos 1970, os quais sociais foram responsáveis por fomentar diversas discussões acerca do tema feminista. Fontes (2016, p. 35) argumenta que os ideais da Revolução Francesa do século XVIII despertaram a sociedade no que se refere à desigualdade e às injustiças no campo do trabalho.

A divisão sexual do trabalho - que no período pré-histórico enaltecia o homem pela sua força física e sua capacidade de proteção - foi então substituída no século XIX pelo discurso 21 da divisão com base em dois princípios básicos: a separação entre os gêneros, alegando que há trabalhos específicos para homens e específicos para mulheres, e a hierarquização, que valoriza muito mais o trabalho masculino em relação ao feminino (SÁ, 2010, p. 92).

No que diz respeito à inserção da mulher no mercado de trabalho no Brasil, Rago (2004, p. 580-581) informa que aconteceu da mesma forma que na Europa, com o início da industrialização. A mão de obra feminina imigrante constituiu grande parte da força de trabalho industrial por volta de 1890, porque era abundante e barata. Com relação aos cargos ocupados pelas mulheres, eram principalmente na área da tecelagem e de fiação, enquanto setores metalúrgicos e mobiliários eram ocupados predominantemente por homens. Ao contrário do que se imagina, as mulheres não foram lentamente conquistando seu espaço nas indústrias. Independente da classe social, as mulheres enfrentavam inúmeras dificuldades, tais como a intimidação física, a variação salarial, o assédio sexual, a desqualificação intelectual e a hostilidade por parte da família. Assim, as mulheres foram progressivamente expulsas do mercado fabril, por exemplo, em 1872, as mulheres representavam 72% da força laboral, em 1950, contudo, representavam apenas 23%.

Já que no setor industrial as mulheres perderam espaço, de acordo com Bassanezi (2004, p. 624) a participação feminina no mercado de trabalho brasileiro se concentrou em outras áreas comerciais. Assim, áreas como a medicina, o comércio de varejo, a assistência social e a educação passaram a receber um maior número de mulheres empregadas, alterando definitivamente o status social feminino.

Na década de 1980 ocorreu a mobilização de diferentes setores sociais em prol da redemocratização brasileira. Mulheres trabalhadoras se uniram com grupos feministas, organizações sindicais e partidos políticos para fomentar a discussão sobre a divisão sexual do trabalho. Aos poucos, conseguiram penetrar nas estruturas sociais ocupadas por homens, nos cargos de diretoria, partidos políticos, entre outros (GIULANI, 2004, p. 644).

Dados divulgados pela Organização das Nações Unidas (ONU, 2017) indicam que, dentre o total de mulheres em idade economicamente ativa para participarem do mercado de trabalho, apenas 50% realmente estão inseridas no âmbito profissional. De acordo com Jesus (2006, p. 71), entre o período de 1995 a 2014, a participação feminina, considerando-se o índice de População Economicamente Ativa (PEA) no Brasil, aumentou em 9,18%. Segundo a autora, uma das causas do aumento dessa participação é a relação com a diminuição do número médio de filhos na família.

De acordo com dados retirados do portal do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2018), o último Censo da Educação Superior realizado em 2016 revelou que, dentre os estudantes matriculados em cursos de graduação, 57,2% são mulheres. Já no campo da docência, 45,5% dos docentes da Educação Superior são mulheres.

Outros dados relevantes divulgados pelo IBGE (2018) a respeito do ensino superior mostram que, da população total brasileira com 25 anos ou mais, 23,5% das mulheres brancas têm ensino superior completo – valor maior do que dos homens brancos, que é de 20,7%. Já dentre a população negra e parda, esse número é menor: apenas 10,4% das mulheres e 7,0% dos homens concluíram o ensino superior.

No tocante ao rendimento médio por todos os trabalhos, entre 2012 e 2016, as mulheres receberam 75% do valor recebido pelos homens. E ainda, entre homens e mulheres com ensino superior completo, essa diferença é ainda maior: as mulheres, mesmo sendo maioria, receberam 63,4% do valor total recebido pelos homens (IBGE, 2018).

Até o momento, fez-se um breve percurso acerca da inserção da mulher no mercado de trabalho, seja em âmbito mundial ou nacional. O que se percebeu é que as mulheres sempre tiveram que lutar por espaço, mas, infelizmente, ainda persistem desigualdades substanciais.

3.2 A MULHER NA HISTÓRIA DA ARQUITETURA E DO URBANISMO

Hobsbawm (2013, p. 80) revela que muitos historiadores – inclusive ele – não se deram conta do vazio histórico no que se referia às mulheres e que o assunto só passou a ganhar notoriedade após 1970 com as revoluções sociais. Perrot (1995, p. 14) também explica que um dos motivos da ausência das mulheres na história se dá pelo fato de que história é contada a partir de relatos de acontecimentos políticos, e nesses as mulheres tiveram pouca ou nenhuma participação, pois estavam reclusas ao âmbito privado.

Apesar disso, é possível encontrar registros na história que mostram a participação feminina na arquitetura de variadas formas. Segundo Walker (2000, p. 90), ainda que as mulheres só tenham tido

acesso à educação arquitetônica no final do século XIX, algumas participaram da construção arquitetônica e do urbanismo por meio do poder político.

O acesso tardio das mulheres às escolas de arquitetura foi um dos principais motivos que levou as mulheres a serem invisibilizadas na profissão. Também, mesmo quando estavam inseridas no meio acadêmico, geralmente eram coagidas a trabalhar em áreas “específicas” para as mulheres (FONTES, 2016, p. 57).

Para Araújo e Lima (2018, p. 17), as poucas mulheres que atuavam na área da arquitetura no período modernista que receberam algum reconhecimento foram as que trabalharam com arquitetos famosos, as quais ainda eram responsáveis pelo desenvolvimento do mobiliário, pela arquitetura de interiores e pelas decorações. Algumas delas são: Charlotte Perriand e sua colaboração com Le Corbusier; Lilly Reich associada a Mies Van der Rohe e Eileen Gray, que trabalhou com alguns arquitetos de vanguarda em 1920.

Já no Brasil, o percurso feminino no campo arquitetônico foi diferente do percurso feminino da Europa e dos Estados Unidos. Enquanto as mulheres adentravam a arquitetura por meio da teoria arquitetural sobre residências e domesticidade fora do Brasil, no país a escravidão ainda era vigente (FONTES, 2016, p. 77).

A carreira arquitetônica entre as décadas de 1970 e 1980 foi o alvo da escolha feminina por três principais motivos: o primeiro, pelo recém-adquirido papel social da mulher inserida no mercado de trabalho; o segundo, porque houve um abandono do campo pelos homens devido à instabilidade no mercado de trabalho; e o terceiro, pelo campo arquitetônico ser visto como mais próximo à decoração do que à engenharia (SÁ, 2010, p. 44).

3.3 AS REVISTAS DE ARQUITETURA

3.3.1 A revista Projeto Design

A revista Projeto teve sua primeira publicação oficial em 1977, mas era publicada desde 1972 no Jornal do Arquiteto, que era distribuído gratuitamente em São Paulo. O fundador da revista foi Vicente Wissenbach, que comandou as publicações até 1993 (SILVA, 2018, p. 2). A revista Projeto nasceu como uma simples cartilha de 16 páginas, em papel kraft, impressa apenas em uma cor; todavia, passou por diversas reformas gráficas e, em 1979, já era considerada a porta-voz da arquitetura no país (REDAÇÃO, 2005).

Em 1996 se fundiu à revista Design & Interiores, a qual era especificamente voltada à divulgação de projetos de design, originado, dessa forma, a revista Projeto Design (SILVA, 2018, p. 3). Foram nove edições da revista Projeto até a criação da Projeto Design (MELENDEZ, 2003).

Foi pioneira em lançar seu formato digital em 1999 e passou a estar disponível no site da editora ARCOweb a partir de 2000 (ARCOweb, 200?). Até a data desta pesquisa, a revista completa 47 anos de existência e 40 encontra-se na edição número 450. (ARCOWEB, 2020).

3.3.2 A revista AU – Arquitetura e Urbanismo

A revista AU teve a sua primeira edição lançada em 1985, com publicações voltadas ao profissional da arquitetura e urbanismo, abordando temáticas como ensino, construção e prática arquitetônica de forma crítica (SÁ, 2010, p. 123). Foi idealizada e fundada por Mário Sérgio Pini e seu pai, Sérgio Pini (BEZERRA, 2018, p. 57).

Até a data desta pesquisa, a revista está disponível há 34 anos e encontra-se na edição de número 292. Em seu portal, mantido pela editora Pini, é possível encontrar 119 edições disponíveis na íntegra para leitura on-line, que variam da edição de número 173 até a edição de número 292 (REVISTA AU, 2020).

3.4 AS ENTIDADES REPRESENTANTES DA PROFISSÃO

3.4.1 O Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB)

O Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) é o mais antigo instituto relacionado à arquitetura e urbanismo no país, tendo sido criado em 1921 no Rio de Janeiro. É formado por uma associação de arquitetos e urbanistas que se dedicam a reunir temas de interesse da profissão e relacionados à sociedade, sem fins lucrativos e sem remuneração. É formado por departamentos autônomos que são regidos pela sede principal, que coordena e administra ações de abrangência nacional e internacional. Também, articula-se a diversas entidades que envolvem a prática arquitetônica no país, como a União Internacional dos Arquitetos (UIA), o Conselho Internacional de Arquitetos de Língua Portuguesa (CIALP), a Federação PanAmericana de Associações de Arquitetos (FPAA) e representa o país na Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) (IAB, 2010).

3.4.2 A Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e Urbanismo (ABEA)

A Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e Urbanismo (ABEA) é uma entidade que busca fiscalizar, avaliar e colaborar com a qualidade do ensino superior da arquitetura e urbanismo no Brasil. Foi fundada em 1973, com uma associação das escolas de arquitetura e, 12 anos depois, passou a ser uma entidade de ensino. A ABEA atua juntamente com o Ministério da Educação e outras entidades educacionais em prol da busca pelo aperfeiçoamento do ensino (ABEA, 2019).

3.4.3 A Federação Nacional dos Arquitetos e Urbanistas (FNA)

A Federação Nacional dos Arquitetos e Urbanistas (FNA) foi criada em maio de 1979 com o objetivo de coordenar e defender a classe de arquitetos e urbanistas em seus direitos, atribuições e relações trabalhistas. Sua principal função é a de representar o interesse geral da categoria profissional. Também, é responsável por capacitar profissionais, editar publicações relacionadas à profissão, prover assistência técnica e jurídica, dentre outras atribuições. A FNA é constituída por 20 Sindicatos Estaduais³⁰ e está diretamente associada a diversos conselhos e entidades nacionais que regulamentam o campo arquitetônico e urbanístico (FNA, 2017).

3.4.4 O Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU)

De acordo com o relatório da gestão fundadora do CAUBR: 2011-2014 (CAUBR, 2015), o cadastro da profissão de arquitetura era de responsabilidade do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia (CREA), o qual apresentava diversas falhas. Tendo em vista a necessidade de criação de um conselho próprio, em 1958, Ary Garcia Rosa, então presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), entregou ao presidente Juscelino Kubitscheck o projeto de criação do Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU). Não obstante, a efetivação da Lei N° 12.378, que criou o CAU, só foi aprovada em 31 de dezembro de 2010 pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Segundo o Artigo 24 da Lei N° 12.378/2010, no Diário Oficial da União, a responsabilidade do CAU é de “orientar, disciplinar e fiscalizar o exercício da profissão de Arquitetura e urbanismo, zelar pela fiel observância dos princípios de ética e disciplina da classe em todo o território nacional, bem como pugnar pelo aperfeiçoamento do exercício da Arquitetura e Urbanismo” (BRASIL, 2010, s/p).

3.5 OS PRÊMIOS DE ARQUITETURA E URBANISMO NO BRASIL

3.5.1 A premiação IABRJ e o Prêmio Arquiteto do Amanhã

A premiação IABRJ teve sua criação em 1962 pelo departamento do Rio de Janeiro do Instituto de Arquitetos do Brasil. Sendo uma das mais antigas do país, a premiação ocorre anualmente e atua em categorias que avaliam projetos de edificação, de restauro, de interiores, de urbanismo, de paisagismo, de produção teórica e de arquitetura. Em 1980, foi criado um prêmio à parte, o prêmio Arquiteto do Amanhã, que avalia projetos de Trabalhos de Conclusão de Curso e Trabalhos Finais de Graduação (TFGs), produzidos em todo Brasil (IABRJ, 2019).

3.5.2 Colar de Ouro do IAB

O colar de Ouro do IAB é uma premiação que ocorre desde 1967, criada pelo Instituto de Arquitetos do Brasil para homenagear personalidades participantes do instituto, sócios e titulares que atuam no campo arquitetônico e urbanístico há mais de 20 anos. Dentre os homenageados nas últimas 52 edições da 43 premiação, estão os arquitetos Vilanova Artigas, Roberto Burle Marx, Jaime Lerner, Oscar Niemeyer, Paulo Mendes da Rocha, dentre outros (BARATTO, 2019).

3.5.3 A Premiação IABSP

A premiação do IAB de São Paulo é uma das mais concorridas e competitivas premiações do país. Teve sua primeira edição em 1968 e é responsável por divulgar a produção arquitetônica nacionalmente. Atualmente conta com 14 categorias, que julgam projetos residenciais, comerciais e institucionais, projetos de restauro, de interiores e urbanísticos, publicações do campo arquitetônico, fotografias, arquitetura efêmera, intervenções urbanas e projetos estudantis (IABSP, 2018).

3.5.4 Arquiteto e Urbanista do Ano

O prêmio Arquiteto e Urbanista do Ano é concedido pela Federação Nacional dos Arquitetos e Urbanistas (FNA) desde 2005, a qual reconhece o esforço, os projetos e as obras de alcance social e humano de arquitetos e urbanistas que ainda não têm reconhecimento e destaque, mas que desenvolvem práticas arquitetônicas que beneficiam a sociedade. A premiação valoriza a função social da profissão e é dividida em duas categorias que avaliam projetos dos setores privado e público (FNA, 2018).

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Seguindo a metodologia proposta, a análise busca quantificar a presença feminina nos objetos de estudo (revistas, entidades e premiações) para compreender o destaque no campo arquitetônico e urbanístico.

4.1 REVISTAS

Analizando as edições das revistas Projeto Design disponíveis em meio físico ou online, com recorte temporal entre 2001 e 2020, pôde-se obter os dados que estão apresentados no quadro a seguir:

Quadro 1 – Quantificação dos projetos apresentados na Revista Projeto Design

Ano	Total de projetos	Autoria Mista	Autoria feminina
2001	95	16	6
2002	101	20	12
2003	88	21	11
2004	80	19	10
2005	84	22	3
2006	79	20	6
2007	65	17	6
2008	68	14	6
2009	80	13	7
2010	80	16	9
2011	97	20	9
2012	85	27	6
2013	83	24	6
2014	83	30	5
2015	74	27	1
2016	58	21	2
2017	54	24	5
2018	54	16	3
2019	44	16	1

Fonte: Projeto Design (2020). Adaptado pela autora.

Dos 1452 projetos apresentados nas edições analisadas, 497 possuem autoria feminina, sendo apenas 114 deles, realizados somente por mulheres. Seguindo a análise da revista Projeto Design, as entrevistas foram separadas através do preenchimento de cores nas células com o número da edição:

Quadro 2 – Entrevistas da Revista Projeto Design

251	252	253	254	255	256	257	258	259	260	261	262	263	264	265	266	267	268	269	270
271	272	273	274	275	276	277	278	279	280	281	282	283	284	285	286	287	288	289	290
291	292	293	294	295	296	297	298	299	300	301	302	303	304	305	306	307	308	309	310
311	312	313	314	315	316	317	318	319	320	321	322	323	325	326	327	328	329	330	331
332	333	334	335	336	337	338	339	340	341	342	343	344	345	346	347	348	349	350	351
352	353	354	355	356	357	358	359	360	361	362	363	364	365	366	367	368	369	370	371
372	373	374	375	376	377	378	379	380	381	382	383	384	385	386	387	388	389	390	391
392	393	394	395	396	397	398	399	400	401	402	403	404	405	406	407	408	409	410	411
412	413	414	415	416	417	418	419	420	421	422	423	424	425	426	427	428	429	430	431
432	433	434	435	436	437	438	439	440	441	442	443	444	445	446	4461	447	448	449	450
Legenda																			
Entrevista com profissionais homens										Entrevista com ambos os gêneros									
Entrevista com profissionais mulheres										Edições sem entrevista									

Fonte: Projeto Design (2020). Adaptado pela autora.

No quadro anterior, é possível notar que das 200 edições analisadas, 9 não possuem entrevista, 17 edições apresentam entrevistas somente com mulheres, 7 entrevistas com profissionais de ambos os gêneros e 167 entrevistas com profissionais masculinos.

Na análise da revista AU – Arquitetura e Urbanismo, essa diferenciação também é notável. Com a análise das revistas disponíveis em meio físico ou online, pertencentes ao intervalo de tempo entre 2001 e 2020, obteve-se os dados que estão apresentados no quadro a seguir:

Quadro 3 - Quantificação dos projetos apresentados na Revista AU

Ano	Total de projetos	Autoria Mista	Autoria Feminina
2001	8	2	0
2002	9	1	0
2003	21	4	1
2004	36	10	3
2005	37	11	1
2006	37	11	4
2007	41	9	4
2008	78	23	4
2009	52	14	4
2010	91	25	6
2011	49	15	3
2012	79	24	7
2013	66	29	2
2014	80	21	2
2015	78	31	6
2016	59	18	4
2017	38	19	4
2018	18	3	5
2019	18	3	5

Fonte: Revista AU (2001, 2002a, 2002b, 2003a, 2003b, 2003c, 2003d, 2003e, 2004a, 2004b, 2004c, 2004d, 2004e, 2004f, 2004g, 2004h, 2005a, 2005b, 2005c, 2005d, 2005e, 2005f, 2005g, 2005h, 2006a, 2006b, 2006c, 2006d, 2006f, 2006g, 2006h, 2006i, 2007a, 2007b, 2007c, 2007d, 2007e, 2007f, 2007g, 2007h, 2008a, 2008b, 2008c, 2020). Adaptado pela autora.

Dos 895 projetos que receberam destaque nas revistas, 338 apresentam autores de ambos os gêneros e dentre eles, 65 projetos criados somente por mulheres.

A revista AU também possui uma entrevista por edição com profissionais da arquitetura. Para quantificar a presença de profissionais mulheres entrevistadas, foi elaborado o quadro a seguir:

Quadro 4 – Entrevistas da Revista AU

95	101	103	112	113	114	115	117	118	119	120	122	125	126	127	128	130	132	134	135
136	138	140	141	143	144	146	147	148	149	151	152	153	154	156	157	160	161	163	164
166	167	169	171	172	173	174	175	176	177	178	179	180	181	182	183	184	185	186	187
188	189	190	191	192	193	194	195	196	197	198	199	200	201	202	203	204	205	206	207
208	209	210	201	212	213	214	215	216	217	218	219	220	221	222	223	224	225	226	227
228	229	230	231	232	233	234	235	236	237	238	239	240	241	242	243	244	245	246	247
248	249	250	251	252	253	254	255	256	257	258	259	260	261	262	263	264	265	266	267
268	269	270	271	272	273	274	275	276	277	278	279	280	281	282	283	284	285	286	287
288	289	290	291	292	293	294	295	296	297										

Legenda

Entrevista com profissionais homens	Entrevista com ambos os gêneros
Entrevista com profissionais mulheres	Edições sem entrevista

Fonte: Revista AU (2001, 2002a, 2002b, 2003a, 2003b, 2003c, 2003d, 2003e, 2004a, 2004b, 2004c, 2004d, 2004e, 2004f, 2004g, 2004h, 2005a, 2005b, 2005c, 2005d, 2005e, 2005f, 2005g, 2005h, 2006a, 2006b, 2006c, 2006d, 2006f, 2006g, 2006h, 2006i, 2007a, 2007b, 2007c, 2007d, 2007e, 2007f, 2007g, 2007h, 2008a, 2008b, 2008c, 2020). Adaptado pela autora.

No quadro acima, das 170 edições analisadas, 3 não possuem entrevista, 22 edições apresentam entrevistas somente com mulheres, 8 entrevistas com profissionais de ambos os gêneros e 137 entrevistas com profissionais masculinos.

4.2 ENTIDADES

O quadro a seguir corresponde aos dados retirados de portais das entidades e informações fornecidas pelas mesmas, sobre as gestões que administraram as instituições. Nele, apresenta-se o total de cargos eleitos dentro de cada entidade entre 2001 e 2020 e quanto desses cargos foram ocupados por homens e por mulheres.

Quadro 5 – Dados totais das entidades de Arquitetura e Urbanismo

Entidade	Total de cargos	Cargos ocupados por homens	Cargos ocupados por mulheres
IAB	83	66	17
ABEA	240	163	77
FNA	193	120	73
CAU	62	51	11
Total	578	360	218

Fonte: ABEA (2020) / ANDRADE (2012) / CAUBR (2012, 2014, 2015, 2017, 2020), / FNA (2017) / IAB (2014, 2019) / IABSP (2006). Adaptado pela autora.

No quadro anterior, nota-se que no período analisado, a presença feminina foi menor que a masculina na ocupação dos cargos em todas as entidades. De acordo com Fontes (2016, p.82), no meio profissional, os cargos de chefia ainda são, em sua maioria, privilégio masculino.

4.3 PREMIAÇÕES

Os quadros a seguir mostram os dados coletados das premiações selecionadas para análise nessa pesquisa.

Quadro 6 – Dados totais das premiações de Arquitetura e Urbanismo

Premiação	Total de prêmios	Prêmios recebidos por homens	Prêmios recebidos por mulheres
IABRJ	75	51	24
Arquiteto do Amanhã	22	5	17
Arquiteto e Urbanista do Ano	42	25	17
IABSP	532	370	162
Colar de Ouro	20	19	1
Total	691	470	221

Fonte: BARATTO (2014) / CAURJ (2016, 2017) / DAU PUC RIO (2019) / FALCÃO (2011) / FNA (2019) / IAB (2013) / IABRJ (2015) / IABSP (2009, 2010, 2018, 2019) / SOUZA (2019) / MONTE FILHO; LIMA (2013). Adaptado pela autora.

A premiação do Colar de Ouro do Institutos de Arquiteto do Brasil (IAB), concedeu apenas um prêmio para uma mulher em seus 52 anos de existência. No ano de 2019, a arquiteta e Urbanista Rosa Kliass recebeu a comenda, símbolo de reconhecimento de contribuição para o campo arquitetônico (CAUBR, 2019). Em seu pronunciamento, Kliass menciona:

Depois de mais de 50 anos de homenagens, apenas esse ano uma mulher recebe o Colar de Ouro. Tenho a certeza que tal fato não deriva da ausência de profissionais mulheres com qualidade para receber o prêmio antes de mim. Sou muito grata e espero que essa decisão possa incluir a questão de gênero também dentre os demais critérios de atribuição do prêmio daqui em diante (KLIASS, 2019, apud CAUBR, 2019).

Rosa possui projetos reconhecidos internacionalmente, colaborou na criação do prêmio Colar de Ouro em 1967, foi a primeira mulher a integrar a presidência do IAB e ainda, foi fundadora da ABAP (Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas) (CAUBR, 2019).

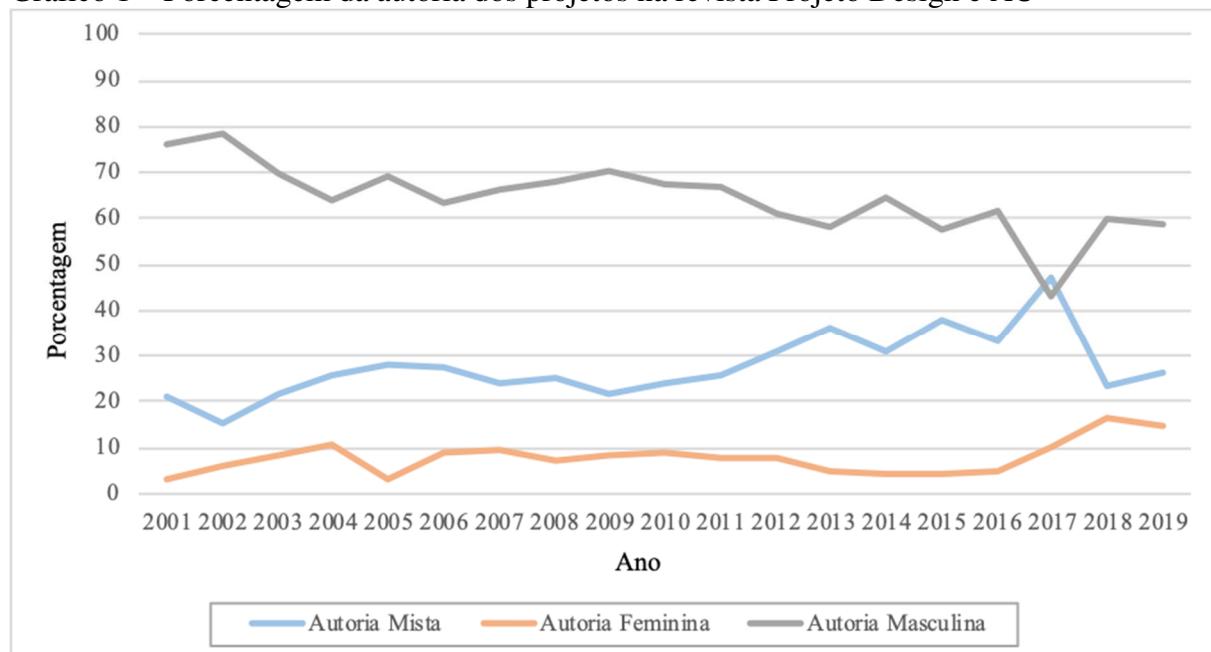
4.4 RESULTADOS DA ANÁLISE

Para condensar os dados coletados são realizados gráficos que facilitem o entendimento dos resultados totais de cada categoria, para, por fim, alcançar o objetivo principal desta pesquisa, que é entender como a mulher tem se destacado no âmbito arquitetônico e urbanístico.

Na análise das revistas, das 358 entrevistas realizadas em ambas revistas, 10,89% são feitas com profissionais masculinos e femininos, 84,91% com profissionais masculinos e somente 4,18% com mulheres. Já na análise projetual, somam-se 2347 projetos analisados no total, entre os anos de 2001 e 2019. 64,42% de todos os projetos são de autoria masculina e 27,95% dos projetos são de autoria mista e somente 7,63% são de autoria feminina.

Para compreender como a atuação feminina se comportou ao longo do século XXI, foi elaborado um gráfico que representa a porcentagem de projetos de autoria feminina apresentados em ambas revistas por ano, como mostra o gráfico 1, obtido na análise das revistas Projeto Design e AU:

Gráfico 1 – Porcentagem da autoria dos projetos na revista Projeto Design e AU



Fonte: Projeto Design (2020) / Revista AU (2001, 2002a, 2002b, 2003a, 2003b, 2003c, 2003d, 2003e, 2004a, 2004b, 2004c, 2004d, 2004e, 2004f, 2004g, 2004h, 2005a, 2005b, 2005c, 2005d, 2005e, 2005f, 2005g, 2005h, 2006a, 2006b, 2006c, 2006d, 2006f, 2006g, 2006h, 2006i, 2007a, 2007b, 2007c, 2007d, 2007e, 2007f, 2007g, 2007h, 2008^a, 2008b, 2008c, 2020). Adaptado pela autora.

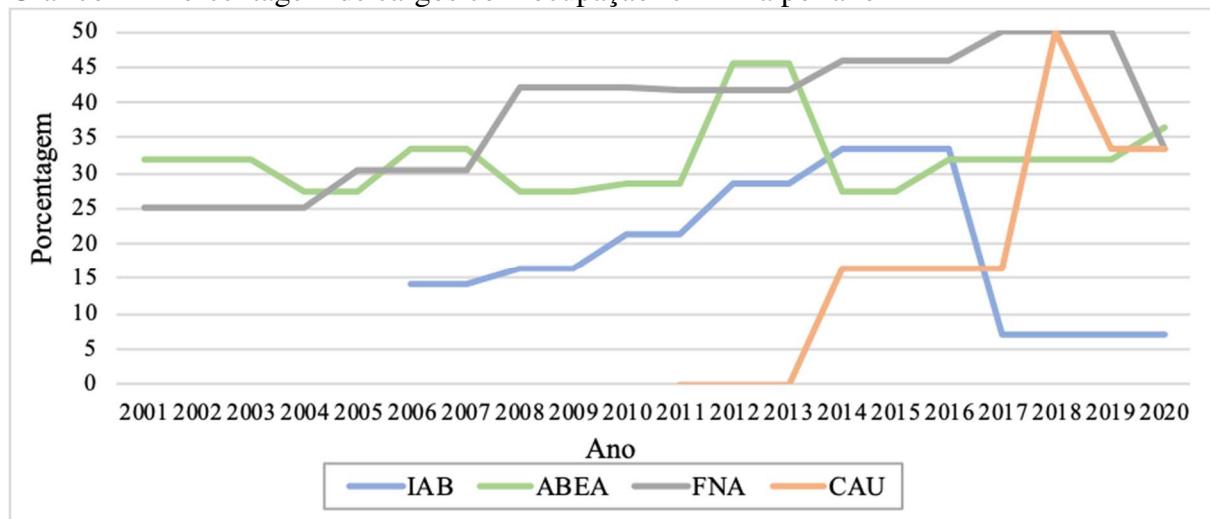
Ao analisar o gráfico, percebe-se que a porcentagem de projetos de autoria masculina em relação aos projetos de autoria mista ou feminina, manteve-se superior até o ano de 2017. É possível notar que em neste ano, houve o aumento do número de projetos de autores de ambos os gêneros e projetos realizados somente por mulheres, sendo o único ano no qual a porcentagem de projetos de

autoria masculina é menor que 50% dos projetos totais apresentados. Apesar disso, em 2018 e 2019 a porcentagem de projetos de autoria somente feminina diminui, enquanto os projetos de autoria mista aumentam. Isso demonstra que há a inclusão de mulheres em escritórios de arquitetura, onde equipes de ambos os gêneros são responsáveis pela criação projetual.

Em entrevista à revista Projeto Design, o arquiteto Márcio Kogan relata que a predominância da presença feminina em seu escritório mk27, nada influencia na identidade projetual do escritório e ainda, que não existe razão para acreditar que a arquitetura feita por homens e mulheres é diferente (KOGAN, 2016).

Já na análise das entidades, somam-se 578 cargos estudados, onde, entre 2001 e 2020, 62,28% dos cargos foram ocupados por profissionais masculinos e somente 37,72% ocupados por mulheres. De todos os cargos para presidência eleitos no período analisado, 91,88% foram destinados a homens e 8,12% destinados a mulheres. Para entender a distribuição desse valor ao longo dos anos, foi proposto o gráfico a seguir, que demonstra a porcentagem dos cargos ocupados por mulheres entre 2001 e 2020 nas quatro entidades.

Gráfico 2 – Porcentagem de cargos com ocupação feminina por ano



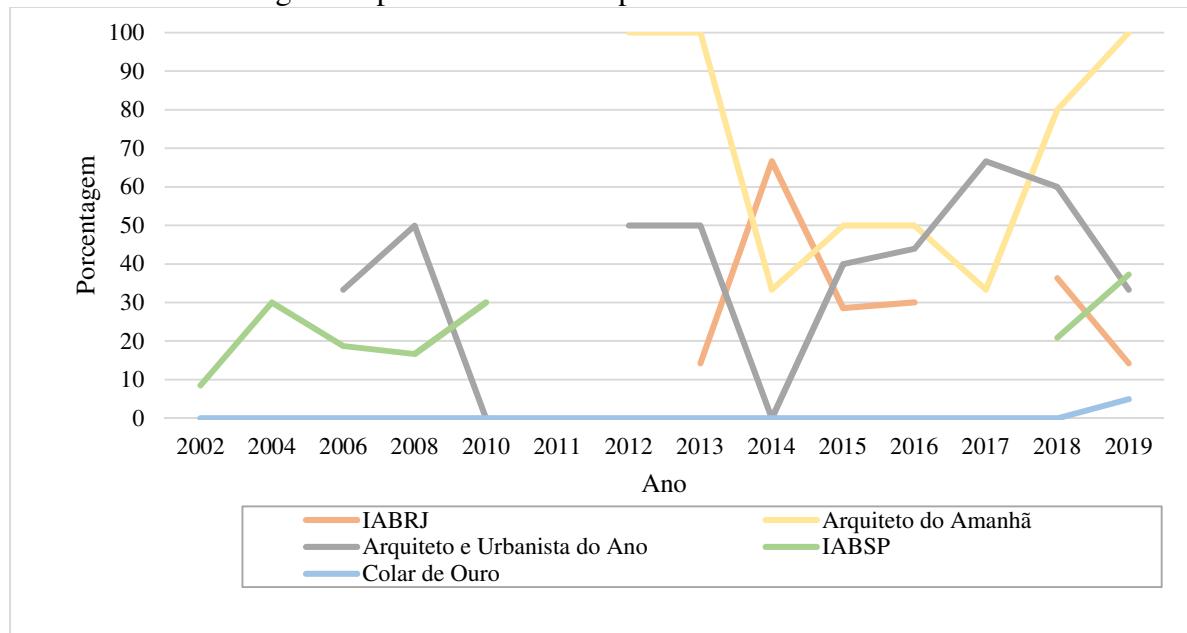
Fonte: ABEA (2020) / ANDRADE (2012) / CAUBR (2012, 2014, 2015, 2017, 2020) / FNA (2017) / IAB (2014, 2019) / IABSP (2006). Adaptado pela autora.

No gráfico acima, nota-se que a presença feminina atuante nas entidades que representam a profissão do arquiteto e urbanista, nunca ultrapassou 50% dos cargos totais, mas atingiu esse percentual no Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil no ano de 2018, e na Federação Nacional dos Arquitetos e Urbanistas entre os anos de 2017 e 2019. Porém, após esse período, todas as entidades apresentam mais de 60% dos cargos ocupados por profissionais masculinos. Vale destacar que no Instituto de Arquitetos do Brasil, no momento dessa pesquisa, a quantidade de cargos

ocupados por profissionais femininos atualmente é a menor desde 2006, sendo menos de 10% dos cargos destinados a mulheres.

Por fim, nas premiações, dos 691 prêmios oferecidos pelas entidades entre 2001 e 2019, 68,02% foram dedicados a profissionais masculinos, enquanto 31,98% foram dedicados a profissionais femininas.

Gráfico 4 – Porcentagem de prêmios recebidos por mulheres



Fonte: BARATTO (2014) / CAUBR (2019) / CAURJ (2016, 2017) / DAU PUC RIO (2019) / FALCÃO (2011) / FNA (2019) / IAB (2013) / IABRJ (2015) / IABSP (2009, 2010, 2018, 2019) / SOUZA (2019) / MONTE FILHO; LIMA (2013). Adaptado pela autora.

No gráfico acima, é possível notar que o número de mulheres premiadas entre 2018 e 2019 diminuiu na premiação Arquiteto e Urbanista do Ano e na Premiação IABRJ. Nesse mesmo período, somente na premiação Arquiteto do Amanhã o número de mulheres premiadas é maior que 40% dos prêmios totais.

Dessa forma, analisando os três objetos de estudo, observa-se que nas revistas, embora número de projetos de autoria feminina tenha aumentado em relação ao início do século, esse valor ainda é menor que 20% dos projetos totais. Mas é importante ressaltar que as arquitetas tem conquistado o seu lugar em escritórios com profissionais de ambos os sexos, ainda que recebam menos destaque que os projetos de autoria masculina. Nas entidades, em três dos quatro institutos analisados o número de mulheres ocupando cargos de destaque aumentou, embora ainda sejam minoria, com menos de 40% dos cargos totais. E por fim, nas premiações, em três das cinco premiações analisadas, o número de mulheres premiadas aumentou, embora também ainda recebam menos de 40% dos prêmios totais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de tudo, destaca-se que esta pesquisa buscou aumentar a visibilidade para as questões de gênero no campo da arquitetura e do urbanismo, no âmbito social, acadêmico e profissional. O marco teórico norteou toda a pesquisa que foi realizada de acordo com o percurso descrito no encaminhamento metodológico.

Buscou-se através da história, entender os motivos pelos quais as mulheres não se destacaram no âmbito profissional por um longo período da história da humanidade e também, mais especificamente no Brasil.

Montaner e Muxí (2014, p.232) ressaltam que para que se possa desconstruir um discurso já estabelecido e não permanecer no senso comum, é essencial que sejam feitas discussões, análises e indagações que representem as realidades de todos os grupos que compõem a sociedade. Por isso, o fato de que a diversidade está sendo cada vez mais reconhecida e discutida no plano acadêmico da arquitetura e no urbanismo é fundamental para auxiliar na formação de profissionais atentos às necessidades de todas as pessoas e que contribuam através da arquitetura, com a inclusão de toda a população.

A pesquisa foi norteada pelo seguinte questionamento: como se mostra a representatividade feminina na arquitetura e no urbanismo brasileiro, com o aumento do número de mulheres atuando na área no século XXI? Dessa maneira, foi evidenciada a hipótese de que apesar da atuação no campo arquitetônico ser majoritariamente feminina, acredita-se que ainda há a falta de representatividade de mulheres em espaços de protagonismo da profissão.

Portanto, constata-se válida a hipótese inicial, pois foi possível averiguar que o número de mulheres evidenciadas nas revistas, entidades e premiações aumentou nos últimos vinte anos, mas que ainda esse número é consideravelmente menor quando comparado com a presença masculina, embora as mulheres sejam maioria na profissão.

Isto posto, o presente trabalho proporcionou uma importante experiência no entendimento do desenvolvimento da arquitetura e urbanismo como um todo e como se deu a presença feminina no campo acadêmico e profissional. Foi possível observar que as mulheres enfrentaram diversos obstáculos impostos por uma sociedade que, em grande parte, ignorou e não reconheceu a sua produção. O fato de a contribuição feminina não ser mencionada em diversos períodos da história, priva acadêmicos de se identificarem com personalidades variadas e compreenderem a diversificação do campo arquitetônico, perpetuando a disparidade de gênero implícita no suporte teórico acadêmico.

Embora muitas vezes despercebida, a ausência da mulher na história acarreta a falta de referência para estudantes e profissionais em geral. A retomada dessas discussões é fundamental para

que possamos fazer uma análise crítica de como a história da arquitetura vem sendo relatada e as consequências pela ocultação feminina. Ainda, preencher essas lacunas é essencial para recuperar histórias esquecidas e é através do debate das questões de gênero, que se entende as verdadeiras motivações de discussões feministas.

Geralmente utilizar o termo “feminista” recebe uma conotação negativa por conta de radicalismos e acaba por distanciar as pessoas do conhecimento da infinidade da contribuição feminina para o contexto arquitetônico. É essencial compreender que estudos de gênero dentro da arquitetura e urbanismo que buscam resgatar a produção das mulheres e compreender a evolução das mesmas, não possuem a intenção de retirar o mérito de arquitetos que se destacaram ao longo da história, nem desmerecer o seu trabalho. Foram esses estudos que ao longo de muitos anos, abriram caminhos para as mulheres atuarem na área e a recuperação do legado feminino significa compreender a história da profissão e revelar referências para arquitetas no futuro.

E mesmo com a ocultação das mulheres no campo arquitetônico, diversas profissionais persistiram e encorajaram outras a seguirem os seus passos e a conquistarem o seu espaço em todas as áreas que a arquitetura dispõe. Atualmente, pela primeira vez na história, as mulheres são maioria na arquitetura e apesar de estarem aos poucos ocupando cada vez mais os espaços protagonistas da profissão, ainda não possuem o reconhecimento esperado. Espera-se que, futuramente, esse cenário mude e o campo arquitetônico seja mais inclusivo e diversificado.

Um desdobramento interessante para esta pesquisa seria optar por analisar a representatividade feminina na arquitetura além do Brasil, para entender se esse cenário se repete no contexto mundial, analisando premiações maiores, por exemplo. Também, explorar as causas da ausência feminina nos espaços de protagonismo na profissão e buscar medidas para promover cada vez mais, a igualdade dentro da arquitetura e do urbanismo.

REFERÊNCIAS

ABEA. Histórico ABEA – Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e Urbanismo. 2019. Disponível em: <http://www.abea.org.br/?page_id=5> Acesso em: 06 out. 2019.

_____. **Diretoria**. 2020. Disponível em: <http://www.abea.org.br/?page_id=8> Acesso em: 06 mar. 2020.

ANDRADE, Claudemir. Instituto de Arquitetos do Brasil - IAB, com novo presidente nacional. 2012. Disponível em: <<http://blogdoclaudemirandrade.blogspot.com/2012/05/instituto-de-arquitetos-do-brasiliab.html>>. Acesso em: 05 mar. 2020.

ARAÚJO, Fanny Schroeder de Freitas; LIMA, Ana Gabriela Godinho de. Trabalho de Mulheres: estética feminina e moralidade. In: **Revista Arquitetas Invísiveis**: nas sombras. v.2, n. 1, p. 17-19. 2018. Disponível em <<https://www.arquitetasinvisiveis.com/revist>>. Acesso em: 27 ago. 2019.

ARCOweb. **Uma editora especializada em arquitetura**. 200? Disponível em: <<https://revistaprojeto.com.br/sobre-nos/>>. Acesso em: 10 out. 2019.

_____. **Edições anteriores**. 2020. Disponível em: <<https://revistaprojeto.com.br/category/acervo/>> Acesso em: 07 abr. 2020.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: **História das mulheres no Brasil**. Mary del Priore (org.). 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

BARATTO, Romullo. **Divulgados os vencedores da 52ª Premiação Anual do IABRJ e do Prêmio Arquiteto do Amanhã**. ArchDaily Brasil. 2014. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/759080/divulgados-os-vencedores-da-52a-premiacaoanual-do-iab-rj-e-do-premio-arquiteto-do-amanha>>. Acesso em: 10 mar. 2020.

BEZERRA, Taciana Souza. **Arquitetura do Nordeste**: a produção regional a partir das revistas especializadas projeto e AU das décadas de 1980 e 1990. 145p. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo). Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Campus de Laranjeiras, Universidade Federal de Sergipe. Laranjeiras, 2018. Disponível em <<http://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/7959>>. Acesso em 06 out. 2019.

BRASIL. **Legislação Nº 12.378 de 31 de dezembro de 2010**. Brasília: DOU Diário Oficial da União. Publicado no DOU de 31 de dezembro de 2010. Disponível em: <<http://www.in.gov.br/dados-abertos/base-de-dados/publicacoes-do-dou/2010/dezembro>> Acesso em: 06 out. 2019.

CAUBR. Rosa Kliass recebe o primeiro Colar de Ouro do IAB concedido a uma mulher. 2019 apud KLIASS, Rosa. **A palavra de Rosa**. São Paulo, 13 set. 2019. Pronunciamento na 12ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo. 2019. Disponível em: <<https://caubr.gov.br/rosa-kliass-recebe-o-primeiro-colar-de-ouro-do-iab-concedido-a-umamulher/>>. Acesso em: 27 mar. 2020.

_____. **Relatório de Gestão – 1º Semestre de 2012**. 2012. Disponível em: <<https://www.caubr.gov.br/wpcontent/uploads/2013/01/RELATORIOGESTAO1SEM2012.pdf>>. Acesso em: 06 mar. 2020.

_____. **Relatório de Gestão do CAUBR – 2013**. 2014. Disponível em: <<https://caubr.gov.br/wp-content/uploads/2014/05/RELATORIO-DE-GESTAO-2013.pdf>>. Acesso em: 06 mar. 2020

_____. **Relatório da Gestão Fundadora do CAUBR 2011–2014**. 2015. Disponível em: <<https://www.caubr.gov.br/wp-content/uploads/2014/12/Relatorio-12-05-2015-edicao-finalWEB.pdf>>. Acesso em: 06 mar. 2020.

_____. **Relatório de Gestão do CAUBR – 2016**. 2017. Disponível em: <https://transparencia.caubr.gov.br/arquivos/CAU_BR_Relat%C3%B3rio-deGest%C3%A3o-2016.pdf>. Acesso em: 06 mar. 2020

_____. **Conselho Diretor do CAUBR – Portal da Transparência.** 2020. Disponível em:<<https://transparencia.caubr.gov.br/conselhodiretor/>>. Acesso em: 06 mar. 2020.
CAURJ. IABRJ entrega premiações anuais. 2016. Disponível em: <<https://www.caurj.gov.br/iab-rj-entrega-premiacoes-anuais/>>. Acesso em 10 mar. 2020.

_____. **33º Prêmio Arquiteto do Futuro e 54º Prêmio Anual IABRJ.** 2016. Disponível em: <<https://www.caurj.gov.br/33o-premio-arquiteto-do-futuro-e-54o-premio-anual-iab-rj/>>. Acesso em 10 mar. 2020.

CAURJ. Trabalhos sobre Gramacho e Manguinhos disputam o I Prêmio Grandjean de Montigny. 2016. Disponível em <<https://www.caurj.gov.br/caurj-premiara-jovemprofissional-de-arquitetura-e-urbanismo-com-viagem-de-dez-dias-para-paris/>>. Acesso em: 10 mar. 2020.

_____. **Reconhecimento e emoção na entrega do Prêmio Grandjean de Montigny.** 2017. Disponível em: <<https://www.caurj.gov.br/reconhecimento-e-emocao-na-entrega-do-premiograndjean-de-montigny/>>. Acesso em: 26 mar. 2020.

DAU PUC RIO. Prêmios e menções honrosas recebidos pelos alunos. 2019. Disponível em: <<http://www.dau.puc-rio.br/graduacao/?pageId=134>>. Acesso em 26 mar. 2020.

FALCÃO, Angela. IABRJ realiza entrega de sua 49ª Premiação Anual. Portal Vitruvius. 2011. Disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/jornal/news/read/1157>>. Acesso em 26 mar. 2020.

FNA. Sobre a FNA – Fundação Nacional dos Arquitetos e Urbanistas. 2017. Disponível em: <<http://www.fna.org.br/sobre-a-fna/>>. Acesso em: 06 out. 2019.

_____. **13º Prêmio Arquiteto e Urbanista do Ano.** 2018. Disponível em: <<http://www.fna.org.br/project/13o-premio-arquiteto-e-urbanista-do-ano/>>. Acesso em: 06 out. 2019.

_____. **Prêmio Arquiteto e Urbanista do Ano.** 2019. Disponível em: <<http://www.fna.org.br/agenda-de-eventos/premio-arquiteto-e-urbanista-do-ano/>>. Acesso em: 10 mar. 2020.

FONTES, Marina Lima de. Mulheres invisíveis: a produção feminina brasileira na arquitetura impressa no século XX por uma perspectiva feminista. 225p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de Brasília. Brasília, 2016. Disponível em <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/22280>>. Acesso em: 13 ago. 2019.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetas de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIULANI, Paola Cappellin. Os movimentos de trabalhadoras e a sociedade brasileira. In: **História das mulheres no Brasil.** Mary del Priore (org.). 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

HIBNER, Elzbieta. Polish women, solidarity and feminism. Entrevista concedida a Anna Reading. 1. ed. Londres: Grahame & Grahame, 1992.

HOBSBAWM, Eric J. Sobre história. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2013.

IAB. Raf Arquitetura é o grande vencedor da 51ª Premiação Anual do IABRJ. 2013.

Disponível em: <<http://www.iab.org.br/noticias/raf-arquitetura-e-o-grande-vencedor-da-51apremiacao-anual-do-iab-rj>>. Acesso em: 10 mar. 2020

_____. **Vencedor da 49ª Premiação Anual do IABRJ** - Categoria Edificações. 2013. Disponível em: <<http://www.iab.org.br/projetos/vencedor-da-49a-premiacao-anual-do-iab-rjcategoria-edificacoes>>. Acesso em: 10 mar. 2020

_____. **Vencedor da 49ª Premiação Anual do IABRJ** - Categoria Patrimônio Cultural. 2013. Disponível em: <<http://www.iab.org.br/projetos/vencedor-da-49a-premiacao-anual-do-iab-rjcategoria-patrimonio-cultural>>. Acesso em: 10 mar. 2020

_____. **História IAB Brasil.** 2014. Disponível em: <<http://www.iab.org.br/historia>>. Acesso em: 05 mar. 2020.

_____. Documentos. 2019. Disponível em: <<http://www.iab.org.br/documentos>>. Acesso em: 05 mar. 2020.

IABRJ. Premiações IABRJ 2015. Portal Vitruvius. 2015. Disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/jornal/news/read/2477>>. Acesso em: 26 mar. 2020.

IABRJ. Premiação Anual 2019 – IABRJ. 2019. Disponível em: <<http://iabrz.org.br/premiacao-anual-2019/>>. Acesso em: 06 out. 2019.

IABSP. Programa Gestão 2006/2007. In: **Boletim informativo**, n. 53, p. 2. 2006. Disponível em: <https://www.iabsp.org.br/boletins/boletins_2006.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2020.

_____. **Boletins IABSP.** 2009. Disponível em: <<https://www.iabsp.org.br/home/boletins/>>. Acesso em: 10 mar. 2020

_____. **Premiação IABSP 2010.** Portal Vitruvius. 2010. Disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/jornal/news/read/598>>. Acesso em: 10 mar. 2020

_____. **Premiação IABSP 2018 – 75 anos.** 2018. Disponível em: <<https://www.iabsp.org.br/?concursos=premiacao-iabsp-2018-75-anos>>. Acesso em: 10 mar. 2020

_____. **Vencedores da premiação IABSP 2019.** 2019. Disponível em: <<https://www.iabsp.org.br/?concursos=vencedores-da-premiacao-iabsp-2019>>. Acesso em: 10 mar. 2020

_____. **Premiação IABSP 2018 – 75 anos.** 2018. Disponível em: <<https://www.iabsp.org.br/?concursos=premiacao-iabsp-2018-75-anos>>. Acesso em: 06 out. 2019.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil. Rio de Janeiro: 2018. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101551>>. Acesso em: 26 ago. 2019.

INEP - INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Mulheres são maioria na Educação Superior brasileira. 2018

<http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/mulheres-saomaioriana-educacao-superior-brasileira/21206>. Acesso em: 26 ago. 2019.

JESUS, Magda Sifuentes. **A participação da mulher no mercado de trabalho no Brasil.** Dissertação (Mestrado em Economia e Gestão Pública). 127 p. Universidade de Brasília, Faculdade de Economia, Administração. 2016. Disponível em:
<http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/22621/1/2016_MagdaSifuentesJesus.pdf>. Acesso em: 22 mai. 2020.

KOGAN, Márcio. Entrevista: mk27. [Entrevista concedida a Revista Projeto Design] Adilson Melendez. **Projeto Design**, n. 433. 2016. Disponível em:
<<https://www.arcoweb.com.br/projetodesign/entrevista/entrevistastudio-mk27>>. Acesso em: 27 abr. 2020.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

MATTAR, Fauze Najib. **Pesquisa de Marketing Edição Compacta**. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2000.

MELENDEZ, Adilson. **ProjetoDesign: 25 anos ou 30 anos de revista?** In: Projeto Design. Ed. 275. 2003. Disponível em <<https://www.arcoweb.com.br/projetodesign/memoria/projetodesign-revista-nasceu-10-01-2003>> Acesso em: 06 out. 2019.

MONTANER, Josep Maria; MUXÍ, Zaida. **Arquitetura e política**. Ensaios para mundos alternativos. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

MONTE FILHO, Fernando Pinheiro; LIMA, Alessandra Nascimento. **Vencedor da 49ª Premiação Anual do IABRJ - Categoria Patrimônio Cultural**. 2013. Disponível em:
<<http://www.fna.org.br/project/14a-premio-arquiteto-e-urbanista-do-ano-e-premio-fna2019/>>. Acesso em: 10 mar. 2020.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. In: **Caderno de pesquisas em administração**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 1-5. 1996. Disponível em:
<www.academia.edu/download/34607124/pesquisa_qualitativa_caracteristicas_usos_e_possibilidades.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2019.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Apenas metade das mulheres em idade economicamente ativa participa do mercado de trabalho**. ONU Brasil. 2017. Disponível em:
<<https://nacoesunidas.org/apenas-metade-das-mulheres-em-idade-economicamente-ativaparticipa-do-mercado-de-trabalho-diz-onu/>>. Acesso em 26 ago. 2019.

PERROT, Michelle. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. In: **Cadernos Pagu**, v. 1, n. 4, p. 9-28, 1995. Disponível em:
<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1733>>. Acesso em: 27 ago. 2019.

PRATAS, Gloria Maria. Trabalho e religião: o papel da mulher na sociedade faraônica. In: **Mandrágora**, v. 17, n. 17, p. 157-173, 2011. Disponível em:
<<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MA/article/download/2752/2938>>.

Acesso em: 27 ago. 2019.

PROJETO Design. **Edições anteriores por ano.** 2020. Disponível em: <<https://www.arcoweb.com.br/timeline/73>>. Acesso em: 10 abr. 2020.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: **História das mulheres no Brasil.** Mary del Priore (org.). 7 Ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

REDAÇÃO. A vida da Projeto Design contada pelos anunciantes. In: **Projeto Design**, n. 300. 2005. Disponível em <<https://www.arcoweb.com.br/projetodesign/especiais/premio-topmarcas-2005-anuncios-historicos-01-02-2005>>. Acesso em: 10 out. 2019.

REVISTA AU. **Edições anteriores.** 2020. Disponível em <<https://revistaau.com.br/edicoes/>>. Acesso em: 10 mai. 2020.

_____. São Paulo: Editora Pini. Ano 16, n. 95. 2001. 106p.

_____. São Paulo: Editora Pini. Ano 17, n. 101. 2002a. 102p.

_____. São Paulo: Editora Pini. Ano 17, n. 103. 2002b. 116p.

_____. São Paulo: Editora Pini. Ano 18, n. 112. 2003a. 80p.

_____. São Paulo: Editora Pini. Ano 18, n. 113. 2003b. 88p.

_____. São Paulo: Editora Pini. Ano 18, n. 114. 2003c. 80p.

_____. São Paulo: Editora Pini. Ano 18, n. 115. 2003d. 80p.

_____. São Paulo: Editora Pini. Ano 18, n. 117. 2003e. 64p.

_____. São Paulo: Editora Pini. Ano 19, n. 118. 2004a. 80p.

_____. São Paulo: Editora Pini. Ano 19, n. 119. 2004b. 80p.

_____. São Paulo: Editora Pini. Ano 19, n. 120. 2004c. 80p.

_____. São Paulo: Editora Pini. Ano 19, n. 122. 2004d. 96p.

_____. São Paulo: Editora Pini. Ano 19, n. 125. 2004e. 96p.

_____. São Paulo: Editora Pini. Ano 19, n. 126. 2004f. 96p.

_____. São Paulo: Editora Pini. Ano 19, n. 127. 2004g. 96p.

_____. São Paulo: Editora Pini. Ano 19, n. 128. 2004h. 96p.

_____. São Paulo: Editora Pini. Ano 20, n. 130. 2005a. 80p.

_____. São Paulo: Editora Pini. Ano 20, n. 132. 2005b. 96p.

- _____. São Paulo: Editora Pini. Ano 20, n. 134. 2005c. 96p.
- _____. São Paulo: Editora Pini. Ano 20, n. 135. 2005d. 96p.
- _____. São Paulo: Editora Pini. Ano 20, n. 136. 2005e. 96p.
- _____. São Paulo: Editora Pini. Ano 20, n. 138. 2005f. 96p.
- _____. São Paulo: Editora Pini. Ano 20, n. 140. 2005g. 96p.
- _____. São Paulo: Editora Pini. Ano 20, n. 141. 2005h. 80p.
- _____. São Paulo: Editora Pini. Ano 21, n. 143. 2006a. 80p.
- _____. São Paulo: Editora Pini. Ano 21, n. 144. 2006b. 88p.
- _____. São Paulo: Editora Pini. Ano 21, n. 146. 2006c. 96p.
- _____. São Paulo: Editora Pini. Ano 21, n. 147. 2006d. 96p.
- _____. São Paulo: Editora Pini. Ano 21, n. 148. 2006e. 96p.
- _____. São Paulo: Editora Pini. Ano 21, n. 149. 2006f. 96p.
- _____. São Paulo: Editora Pini. Ano 21, n. 151. 2006g. 96p.
- _____. São Paulo: Editora Pini. Ano 21, n. 152. 2006h. 96p.
- _____. São Paulo: Editora Pini. Ano 21, n. 153. 2006i. 80p.
- _____. São Paulo: Editora Pini. Ano 21, n. 154. 2007a. 80p.
- _____. São Paulo: Editora Pini. Ano 21, n. 156. 2007a. 86p.
- _____. São Paulo: Editora Pini. Ano 22, n. 157. 2007b. 96p.
- _____. São Paulo: Editora Pini. Ano 22, n. 158. 2007c. 96p.
- _____. São Paulo: Editora Pini. Ano 22, n. 159. 2007d. 96p.
- _____. São Paulo: Editora Pini. Ano 22, n. 160. 2007e. 96p.
- _____. São Paulo: Editora Pini. Ano 22, n. 161. 2007f. 96p.
- _____. São Paulo: Editora Pini. Ano 22, n. 163. 2007g. 96p.
- _____. São Paulo: Editora Pini. Ano 22, n. 164. 2007h. 96p.
- _____. São Paulo: Editora Pini. Ano 23, n. 166. 2008a. 80p.

_____. São Paulo: Editora Pini. Ano 23, n. 167. 2008a. 80p.

_____. São Paulo: Editora Pini. Ano 23, n. 169. 2008b. 96p.

_____. São Paulo: Editora Pini. Ano 23, n. 172. 2008c. 112p.

SÁ, Flávia Carvalho de. **Profissão**: Arquiteta. Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero. 196p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16132/tde-18012011-113711/publico/Flavia_Sa.pdf>. Acesso em: 13 set. 2019.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. 11. Ed. São Paulo: Moderna, 1987.

SICCAU. **Inédito**: visão completa sobre a presença da mulher na Arquitetura e Urbanismo. 2019. Disponível em: <<https://www.caubr.gov.br/inedito-visao-completa-sobre-a-presencia-da-mulher-na-arquitetura-e-urbanismo/>> Acesso em: 18 ago. 2019.

SILVA, Iandra Vieira. **Arquitetura contemporânea no Brasil**: uma revisão através da revista “Projeto”, 1996-2015. 31p. Relatório de Iniciação Científica. Universidade Federal de Sergipe. Pró-reitoria de pós-graduação e pesquisa. São Cristóvão, 2018. Disponível em: <<https://ri.ufs.br/handle/riufs/10641>> Acesso em: 06 out. 2019.

SILVESTRE, António Luís. **Análise de dados e estatística descritiva**. Portugal: Escolar editora, 2007.

SOUZA, Eduardo. **Conheça os vencedores na 56ª Premiação IABRJ e do Prêmio Arquiteto do Amanhã**. ArchDaily Brasil. 2019. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/909181/conheca-os-vencedores-na-56a-premicao-iab-rj-edo-premio-arquiteto-do-amanhao>>. Accesso em: 10 mar. 2020.

WALKER, Lynne. Women and architecture. In: **A View from the Interior: Feminism, Women and Design**, v. 7, n. 1, p. 90-105. Kirkham, Pat. Attfield, Judy (org.). Londres: The Women's Press, 2000.